

NOVA ZELÂNDIA - Berço da Eficiência e da produção integrada

Gustavo Fischer Sbrissia¹

Amigo Leitor,

Há muitos anos vemos a eficiência do sistema produtivo neozelandês se destacar do resto do mundo. Eficiência esta, que faz 14.000 produtores ofertarem o equivalente a 58% da safra brasileira.

pág. 1

PREÇOS

Preços do leite têm altas pelo 18º mês consecutivo

pág. 2

NOVA ZELÂNDIA

Tabelas comparativas do sistema produtivo na Nova Zelândia.

Confira!

pág. 3

FIQUE ATENTO

Crédito de R\$ 12,5 milhões foi disponibilizado pelo banco estatal gaúcho Banri-sul e pelo Banco do Brasil para a Expo-leite 2003.

pág. 4

Ultimamente tem se falado muito sobre o sistema de produção de leite da Nova Zelândia. Sabe-se que a produção é praticamente a pasto, com baixo custo, alta produção por hectare e baixa produção por vaca, se comparada com outras tecnologias. Todas as propriedades possuem ordenhas mecânicas, o leite deve ser entregue resfriado e com uma contagem bacteriana menor de 400 mil/ml, não recebendo a mais por isso, mas sim pagando altas multas caso não cumpram.

O país apresenta uma eficiente estrutura logística de estradas e ferrovias para a captação e o transporte do leite até as indústrias. Quase todas as propriedades possuem estradas pavimentadas até a "porteira". Toda a coleta é realizada por caminhões graneleiros que concentram o produto em pólos, de onde é transportado via férrea até as indústrias. Mas, afinal, quais são as principais características desse sistema que colocam o país como um dos mais competitivos do mundo no mercado de leite e derivados?

Localizada na Oceania, a Nova Zelândia possui uma área não muito maior que o estado de São Paulo, dividida em duas principais ilhas, nas quais residem aproximadamente 4 milhões de habitantes, 3 milhões de vacas e 18 milhões de carneiros entre outros. O país apresenta um relevo bastante acidentado, com apenas 30% das áreas planas, destinadas na grande maioria para a produção de leite. Além de existirem poucas áreas planas, muitas propriedades necessitam ainda de drenagem, tendo em vista que com poucos dias de chuva ficam com as pastagens totalmente embaixo da água. E mesmo com esses problemas, como ser tão competitivo? (TABELA 2, pag3)

Características da produção sazonal - O custo relativamente baixo de produção é um dos motivos que torna a Nova Zelândia tão competitiva no mercado externo. Pelo menos 85% das necessidades nutricionais do rebanho provêm de pastagens de trevo branco, com azêvem perene. Isso fornece à Nova Zelândia uma característica única de produção.

As vacas são submetidas a um período curto de inseminação com o objetivo principal de concentrar as parições entre o final do inverno e começo da primavera, para que a curva de lactação coincida com a curva de crescimento das pastagens. Isto significa que no final de Setembro e começo de Outubro, período no qual as vacas estarão no pico de produção, demandando mais alimentos, coincidirá com o período de maior crescimento e oferta de pastagens.

Na produção sazonal, todas as vacas devem estar prenhas entre outubro e dezembro, para

¹ Eng. Agrônomo, mestrando em Economia Aplicada - ESALQ/USP e-mail: gfsbrissia@esalq.usp.br

parirem entre julho e setembro (fim do inverno e começo da primavera, e produzir leite na primavera, verão e parte do outono, conforme pode ser observado no gráfico 1. Finalmente, elas são secas antes do inverno, de forma que o período seco coincida com a época do ano de menor taxa de crescimento das pastagens. Em muitas propriedades, as vacas ficam em áreas arrendadas no período seco e só retornam à propriedade quando começam a parir. Esse é um período bem tranquilo nas fazendas, onde os proprietários aproveitam para descansar, recuperar as pastagens e programar o ciclo seguinte.

Nos períodos de maior crescimento das pastagens, uma quantidade é colhida e armazenada na forma de feno e silagem, sendo utilizada posteriormente nos meses mais secos. Mas a necessidade deste sincronismo entre crescimento das pastagens e produção de leite significa lactações relativamente curtas na Nova Zelândia, com média de 280 dias.

A alta taxa de lotação e o curto período de lactação, combinados ainda com alguns períodos de limitada ingestão de forragem, resultam em uma baixa produção por vaca (3700 litros ou 310 kg de *milk solids*¹); no entanto, a produção por hectare é alta (9990 litros ou 840 kg *milk solids* por hectare). Para obter uma alta utilização das pastagens na primavera, deve ser mantido também um nível elevado de lotação. Na safra 2000/01, por exemplo, essa taxa foi de 2,7 vacas/hectare.

Conforme os dados da maior cooperativa da Nova Zelândia (Fonterra), os mais de 12 bilhões de litros da safra 2000/01 foram produzidos em cerca de 14.000 propriedades com média de 96 hectares. A eficiência é tão grande que esse conjunto de propriedades é capaz de ofertar o equivalente a 58% de toda a produção brasileira. Isso significa uma produtividade média de 3.300 litros por dia/propriedade.

No caso brasileiro, os 15 maiores laticínios contam com 95.847 produtores, captando aproximadamente 6 bilhões de litros. Em termos médios, a produtividade dessas fazendas está em 172 litros por dia. Esses dados foram estimados para 2002, pela Leite Brasil, CNA/Decon, CBCL e Embrapa/Gado de Leite.

Produção no inverno - Em torno de 90% de todo o leite produzido na Nova Zelândia é destinado à exportação. Para suprir a demanda interna no período de maio a julho, alguns produtores têm contrato para produzir durante os meses críticos. Estas fazendas possuem "contrato de inverno" com as indústrias, que determina o volume de leite que deve ser fornecido diariamente no período de entressafra, pagando mais por esse leite. Nestas fazendas, as vacas parem entre março e abril e são

secas entre dezembro e janeiro. No entanto, algumas dessas propriedades produzem leite o ano todo, com vacas parindo também na primavera. Nesse caso, a alimentação é baseada em silagem (50%) e pastagens (50%).

Mudanças ocorridas nas últimas décadas

Como pode ser observado na tabela 1 (pag 3), a Nova Zelândia vem passando por uma série de mudanças estruturais. Inicialmente houve uma redução significativa do número de fazendas e aumento do tamanho médio das propriedades e do número de vacas por unidade, provavelmente pela redução no preço do leite que exigiu uma maior eficiência e produção em escala. Nota-se também que a produção por vaca vem aumentando, devido às constantes pesquisas, melhoramentos genéticos e um maior conhecimento de nutrição animal e manejo das pastagens. O mais interessante é a redução do número de cooperativas, que nos últimos 20 anos passou de 116

para 11, o que também aumentou o tamanho, a eficiência e o poder de negociação internacional.

No entanto, a pergunta que devemos fazer é a seguinte: o Brasil teria condições de competir com o leite produzido na Nova Zelândia? A resposta com certeza é muito difícil e incerta. O Brasil está passando por uma reestruturação na cadeia, com o número de produtores diminuindo e a escala aumentando. A coleta granelizada e a utilização de resfriadores também estão crescendo. Mas, no geral, a situação atual é ruim. O leite produzido ainda é de baixa qualidade e com pouca tecnologia. Espera-se que o Programa Nacional de Qualidade do Leite (PNQL), do Ministério da Agricultura, assim como investimentos e financiamentos proporcionem ao setor melhoras da qualidade e da competitividade da cadeia láctea brasileira.

¹ *Milksolids* refere-se à soma do teor de gordura e proteína do leite. Os produtores neozelandeses são pagos por quilogramas de *milksolids* produzidos. São necessários (adotando um valor base de 4,86% de gordura e 3,65% de proteína), aproximadamente, 12 litros de leite para um quilograma de *milksolids*.



PREÇOS DO LEITE AO PRODUTOR

MAIO DE 2003

Praças	Tipo C	Tipo B	Colocação
Estado de São Paulo	0,4409		
Campinas	0,4530	0,5077	100,00
S.J. do Rio Preto	0,4192	-	-
S.J. dos Campos	0,4575	0,5133	100,00
Sorocaba	0,4950	-	-
Ribeirão Preto/Franca	0,4675	0,5400	100,00
Outros Estados *			
Paraná	0,4481	-	-
Goiás	0,5011	-	-
Minas Gerais	0,4934	0,5075	100,00
Bahia	0,3765	-	-
Rio Grande do Sul	0,4485	-	-
MÉDIA BRASIL	0,4514	0,5033	-

* médias ponderadas dos preços médios pagos pelos laticínios

A entrada na entressafra e a briga entre laticínios por "produtor" foram suficientes para garantir alta dos médios preços nominais recebidos pelos produtores pelo 18º mês consecutivo (há 1,5 ano). Em maio, o preço do leite tipo C registrou alta de 3,05% (referente ao produto entregue em abril), ficando a R\$ 0,4514/litro na média das bacias brasileiras pesquisadas pelo Cepea. Já o tipo B subiu 3,2%, sendo cotado na média de R\$ 0,5033/litro.

Quando comparados aos valores nominais de maio de 2002, os preços recebidos pelos produtores do tipo C estiveram quase 33% maiores no último mês. Descontando o efeito da inflação, medida pelo IGP-DI, os preços – média das principais bacias do País - registram um aumento real de apenas 1,5%. Apesar do resultado médio favorável ao produtor, somente três estados tiveram variação real

positiva para o leite tipo C: Goiás (16,5%), Minas Gerais (4,9%) e Rio Grande do Sul (5,5%), comparando-se maio/03 a maio do ano passado.

É bom destacar que a concorrência enfrentada pelos laticínios na comercialização de seus produtos aos atacadistas e varejistas (supermercados) impede que seus reajustes sejam feitos na mesma proporção que o concedido ao preço do leite, podendo haver, neste momento, uma transferência de renda dos laticínios para os produtores.

Apesar desse cenário relativamente positivo ao produtor, outras atividades agrícolas se mostram mais vantajosas que a leiteira e podem atrair uma parcela desses agentes, sobretudo aqueles com possibilidade de plantar soja, milho e cana-de-açúcar em substituição à pecuária leiteira.

Observando os valores médios de maio contra os de abril, Goiás e Paraná foram os estados que registraram maiores altas para o tipo C, 5,42% e 4,10%, respectivamente, endossados também pela concorrência entre os laticínios locais e a entrada da entressafra.

Nos estado do Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo, a variação dos preços foi mais contida, com o produto tipo C cotado a R\$ 0,4485/l no RS (alta de 1,62%), a R\$ 0,3765/l na BA (+ 1,18%) e a R\$ 0,4409/litro em SP, alta de 2,08%. Em Minas Gerais, maior estado produtor, os reajustes positivos foram da ordem de 3,4%, com o litro cotado a R\$ 0,4934. Quanto ao tipo B, em Minas Gerais, os preços subiram 3,02%, fechando maio a R\$ 0,4960/litro. Em São Paulo, o produto foi cotado a R\$ 0,5107/litro, elevação de 3,38% em relação ao mês anterior.



Tabela 1: Mudanças ocorridas nas últimas décadas na Nova Zelândia

	1920	1950	1977	1997	2001*
Número de fazendas (com mais de 10 vacas)	29.111	34.367	17.363	14.741	13.982
Vacas/fazenda	30	54	112	208	251
Tamanho médio das fazendas (ha)	-	-	56	86	96
Produção por vaca (milksolids) ¹	138	191	223	301	310
Número total de vacas (milhões)	0.890	1.820	2.080	3.060	3.485
Número de cooperativas	538	231	116	11	5

Fonte: James White & John Hodgson (2000), New Zealand, Pasture and Crop Science.

* Fonterra, The Dairy Industry (www.fonterra.com)

Figura 1: Sazonalidade na Produção Brasileira x Nova Zelândia (Safrá 00/01)

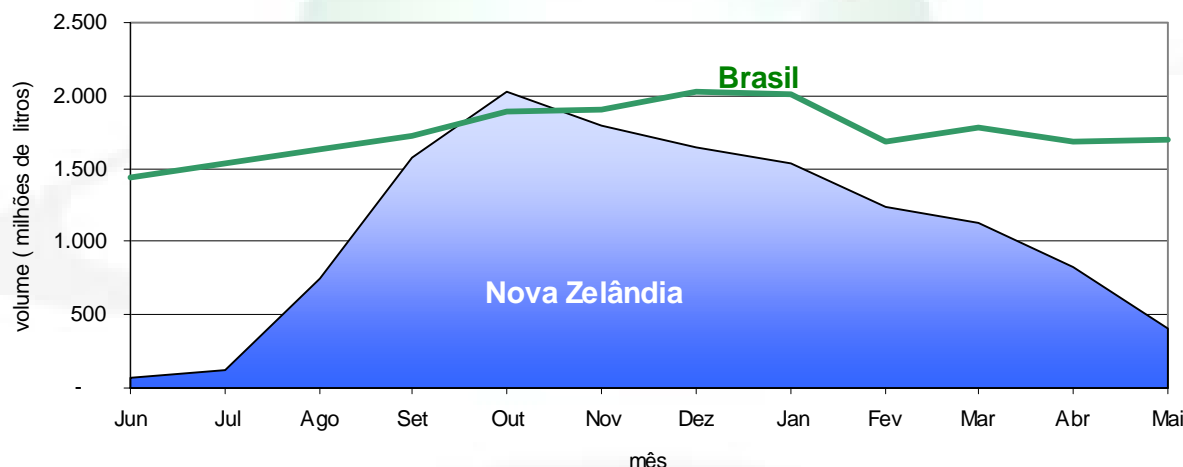


Tabela 2: Análise dos pontos Fracos e Fortes no sistema produtivo Neozelandês

Pontos fortes do sistema	Pontos fracos
Capacidade de produzir leite a um baixo custo a partir de pasto	Alta dependência de condições climáticas e crescimento das pastagens
Total integração Produtor ↔ Indústria	Totalmente dependente do preço do mercado mundial
Produção sazonal (agosto a maio) permite aos funcionários e proprietários férias todos os anos, ou estar focado em um serviço de cada vez	Grande número de vacas/ordenhador e concentração do período de parição gera períodos de trabalho extremamente pesados
Alta adoção de tecnologias pelos produtores e grande integração com universidades	Produção sazonal faz com que os laticínios e indústrias fiquem parados e ociosos alguns meses do ano
	Alto preço da terra



✓ Crédito de R\$ 12,5 milhões foi disponibilizado pelo banco estatal gaúcho Banrisul e pelo Banco do Brasil para a Expoleite 2003. Os financiamentos terão juros de 8,75% ao ano. O banco Banrisul, que destacou incremento de 15% em relação à edição de 2002, também vai operar com os recursos do BNDES para o Proleite, Pronaf D e Moderfrota. O BB oferecerá 400% a mais em relação ao Expoleite do ano passado. A expectativa de comercialização de animais este ano é de R\$ 2 milhões contra R\$ 1,3 milhão da feira anterior **(Fonte: Milk Point)**.

✓ As exportações de produtos lácteos nos três primeiros meses do ano na Nova Zelândia diminuíram, sendo esta a quarta queda consecutiva nos valores das exportações trimestrais do país. O valor sazonalmente reajustado das exportações nesse período decresceu 1,4% e o das importações, 2,2%. Mas no mês de março houve um saldo comercial positivo (US\$ 184,15 milhões), segundo Statistics NZ.

✓ A Bosio Ordenhadeiras investe R\$ 1 milhão e inaugura, em Bom Despacho-MG, Centro de Treinamento voltado para instrução e formação de ordenhadores, produtores de leite e técnicos em ordenhadeira mecânica. A proposta da empresa é contribuir para produção de leite com qualidade e tecnologia, além de profissionalizar o negócio no país. Outro Centro de Treinamento já existe em Cascavel-PR, e outros serão implantados em Goiás e no Paraná.

✓ No fim do mês passado, houve um manifesto da Aliança Láctea Global, composta pela Argentina, Nova Zelândia, Austrália, Chile, Uruguai e Brasil pelo atraso nas negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC) pela liberação do comércio internacional, especialmente de produtos agropecuários, dentre eles, o leite. Segundo o assessor técnico da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária, Ricardo Cotta Ferreira, isso mostra a

intransigência dos países desenvolvidos em aceitar negociar a redução do protecionismo agrícola. A Aliança visa a eliminação de subsídios à exportação de produtos lácteos, ampliação de acesso a mercados e redução substancial de medidas de apoio interno. Isso permitiria o aumento das exportações de países como o Brasil, criando oportunidade para expansão das economias de escala em termos de fazenda e de laticínios, além de diminuir as oscilações da sazonalidade, o que "estabilizaria" os preços praticados aos produtores e aos consumidores. **(Fonte: Balde Branco)**

✓ O programa de microbacias, iniciado em 2000 através de um acordo de empréstimo governo do estado de São Paulo e o Banco Mundial - US\$ 124 milhões para investir em 1500 microbacias em 6 anos -, tem o objetivo de desenvolver a propriedade familiar com menos de 50 ha. O programa, que confere Auxílio Técnico (Cati) para organização de produtores, baseado nos princípios dos 5S, tem ampliado expectativas de pequenos produtores de leite do estado de São Paulo, estimulando a redução de custos e aumento da produtividade. Em alguns casos, propriedades de apenas 4 ha chega a produzir 500 litros por dia. **(Fonte: Balde Branco)**

✓ Silagem de cana representa uma alternativa ao fornecimento de forrageira picada, dentre outros, em função de facilidade organizacional. No entanto, apresenta como um importante fator limitante desequilíbrio nutricional, que pode ser corrigido com o uso de aditivos e inoculantes. A ensilagem sem critério, segundo o eng^o Ag^o Luis Gustavo Nussio, prejudica a produção. A ausência de aditivos resulta em baixo consumo e baixo ganho de peso, além de fermentação alcoólica e perda do valor nutritivo. Experimentos apontam para a necessidade da adoção de aditivos que controlem efetivamente a produção de etanol. Do contrário, a silagem de cana poderá se comportar como uma das fontes mais onerosas de matéria seca e energia para o rebanho.

Boletim do Leite

Universidade de São Paulo - ESALQ/USP - CEPEA

Apoio: FEALQ

leitecepea@esalq.usp.br

http://cepea.esalq.usp.br

O Boletim do Leite é uma publicação do DEAS/CEPEA

Endereço: Caixa Postal 132, Piracicaba, SP, CEP 13400-970

Telefone: (019) 3429-8800 ou 3429-8801 / Fax: (019) 3429-8829

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização.

Conselho Editorial: Eng. Agr. Leandro Augusto Ponchio - responsável;

Ademir de Lucas - técnico em extensão Rural, depto. Economia, Administração, e Sociologia / Esalq-USP;

Paulo do Carmo Martins - Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

Equipe Técnica: Raquel Mortari Gimenes, Roberta Normanha Bardavil Conte, Rodrigo Odilon Bassani Mesquita

Jornalista Responsável: Ana Paula Silva - Mtb 27368

Coordenador Científico: Prof. Dr. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Tiragem mensal: 8.000 exemplares

**IMPRESSO
ESPECIAL**

1.74.18.0518-7 DR/SPI

FEALQ

CORREIOS